

**BLUE
BIRD,
BLUE
BIRD**

Título original: *Bluebird, Bluebird*

Todos os direitos reservados pela Editora Vestígio. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITOR RESPONSÁVEL

Arnaud Vin

EDITOR ASSISTENTE

Eduardo Soares

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Pedro Pinheiro

REVISÃO

Eduardo Soares

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO *Guilherme Fagundes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP,
Brasil**

Locke, Attica

Bluebird, Bluebird / Attica Locke ; tradução Luis Reyes Gil. – 1. ed. – São Paulo : Editora Vestígio, 2020.

Título original: Bluebird, Bluebird.

ISBN: 978-85-54126-68-1

1. Ficção policial e de mistério 2. Ficção norte-americana I. Título.

20-32577

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

A **VESTÍGIO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 . Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.editoravestigio.com.br

Copyright © 2017 by Attica Locke

Publicado em acordo com Little, Brown and Company, New York, New York, EUA. Todos os direitos reservados.

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

*Para os Hathorne Jackson Johnson Jones Locke Mark McClendon
McGowan Perry Sweats Williams
homens e mulheres que disseram não*

I told him, "No, Mr. Moore".— Lightnin' Hopkins, "Tom Moore Blues"
Eu disse a ele "Não, senhor Moore".

Condado de Shelby

Texas, 2016

GENEVA SWEET FEZ correr uma extensão elétrica laranja por “Mayva Greenwood, Amada Esposa e Mãe, que Descanse nos Braços do Pai Celestial”. O sol do final da manhã filtrava-se entre as árvores, criando uma constelação de pontos luminosos no manto de ramos de pinheiro aos pés de Geneva, enquanto ela fazia serpentear a extensão entre a irmã de Mayva e seu marido, “Leland, Pai e Irmão em Cristo”. Deu um bom puxão no fio e foi subindo o morrinho, cuidando para não pisar nos túmulos, só nas trilhas gastas entre as lápides, dispostas em ângulos aleatórios e bizarros, como os dentes de um desvalido.

Ela carregava um saco de papel do supermercado Brookshire Brothers, de Timpson, junto com um radinho, de onde uma gravação de Muddy Waters, um dos favoritos de Joe, soava estridente pelos alto-falantes – *Have you ever been walking, walking down that ol’ lonesome road.*¹ Quando chegou ao local de “Descanso Final de Joe ‘Petey Pie’ Sweet, Marido e Pai e, Perdoe-o, Senhor, um Demônio na Guitarra”, ela pôs o rádio com todo o cuidado em cima de um bloco polido de granito e enrolou a extensão em seu esconderijo atrás da lápide. Havia, ao lado desta, outra lápide idêntica em formato e tamanho. Pertencia a outro Joe Sweet, quarenta anos mais novo e tão morto quanto. Geneva abriu a sacola de papel e tirou de lá um pratinho de papelão embrulhado em papel alumínio, uma oferenda ao seu único filho. Duas tortas fritas, meias-luas perfeitas de massa enrolada à mão com recheio de açúcar mascavo e frutas, e pinceladas com banha – a especialidade de Geneva e o doce favorito de Lil’ Joe. Ela sentiu sua quentura através do fundo do pratinho, o aroma da manteiga atenuando a forte pungência do pinho no ar. Equilibrou o pratinho na lápide e curvou-se para varrer as agulhas de pinheiro

caídas nos túmulos, com uma das mãos o tempo todo apoiada numa laje de granito, sempre atenta à artrite dos joelhos. Abaixo dela, uma carreta de dezoito rodas rasgava a Rodovia 59, e mandava para o alto uma rajada de ar quente fumarento através das árvores. Era um mês de outubro abafado, mas naqueles dias todos os outubros eram assim. Quase 26 °C, ouvira dizer, e lá estava ela pensando que já era hora de arrancar as decorações de férias do trailer dos fundos, onde morava. *Mudança climática, é assim que eles chamam agora. Isso aí vai continuar, e acho que vou viver tempo suficiente para ver o inferno na Terra.* Ela disse isso tudo aos dois homens da vida dela. Falou também da nova loja de tecidos em Timpson. Que a Faith andava atazanando-a por causa de um carro. Falou do tom horrível de amarelo com que o Wally pintara a *icehouse*.² *Parece que alguém tossiu uma porção enorme de catarro e atirou nas paredes.*

Mas não mencionou os assassinatos, nem a encrenca que fervilhava na cidade.

Concedeu-lhes esse tantinho de paz.

Beijou as pontas dos dedos e pousou-os sobre a primeira lápide, depois sobre a segunda. Deixou seu toque demorar-se no túmulo do filho, soltando um suspiro cansado. A morte parecia querer acompanhá-la a vida toda. Era como uma sombra astuciosa às suas costas, tão obstinada quanto um cão numa caçada; e igualmente fiel, também.

Ouviu um crepitar de agulhas de pinheiro atrás dela, um farfalhar de folhas sopradas dos choupos vizinhos, e ao dar meia-volta deu de cara com Mitty, o jardineiro negro do cemitério.

– Agora estão usando pilhas nessas coisas aí – ele disse, indicando com a cabeça o radinho e encostando o corpo na lápide de concreto de “Beth Anne Solomon, Filha e Irmã, que Tão Cedo Partiu”.

– Me manda a conta do gás assim que chegar – disse Geneva.

Mitty era mais velho que Geneva, beirava os 80 anos, talvez. Um homem de pele escura, baixinho, pernas finas como dois galinhos e

frágeis como giz. Passava as tardes na cabaninha da propriedade, afugentando cães vadios e outros bichos. Cinco dias por semana era visto ali com uma revista de corridas de automóveis e um charuto, tomando conta daquela reunião de almas, vigiando seu futuro lar. Tolerava o jeito peculiar de Geneva cuidar dos mortos – as cobertas no inverno, as luzinhas dependuradas no Natal, as tortinhas, um *blues* cantarolado baixinho. Estava agora de olho nos doces, e até estendeu um dedo e levantou o papel alumínio, para xeretar.

– São de pêssego – Geneva disse – e nenhum deles vem com o seu nome escrito.

A caminhada morro abaixo era sempre mais dura que a subida para os seus joelhos, e dessa vez não foi diferente. Ela fez uma careta de dor ao começar a andar em direção ao carro, e foi arrancando fiapos soltos da malha do marido, uma das últimas que ainda estavam mais ou menos boas para usar todo dia. O Grand Am '98 dela estava estacionado num trecho de terra vermelha com tufos de grama, junto à rodovia de quatro pistas. Nem bem havia tirado a chave do carro da bolsa e já flagrou Mitty comendo uma das tortinhas. Geneva revirou os olhos. O homem não era capaz de lhe conceder nem a cortesia básica de esperar que fosse embora.

Entrou no seu Pontiac e saiu devagar daquele estacionamento improvisado, de olho nas carretas e nos carros em alta velocidade, antes de entrar na Rodovia 59 rumo ao norte, até Lark. Dirigiu em silêncio aquele trecho de um quilômetro e pouco até sua casa, repassando mentalmente o estoque. Precisava comprar duas latas de meio litro de coquetel de frutas, oito alfaces, refil para a máquina de refrigerantes, as garrafas de Dr Pepper que ela nunca conseguia manter em estoque, e mais uma garrafa ou duas de uísque Ezra Brooks, que guardava debaixo da caixa registradora para os clientes habituais. Ficou matutando se o xerife já teria voltado ou não, se a confusão que se desenrolara no seu quintal dos fundos naquela manhã ainda estaria ali, com aquela garota deitada totalmente sozinha. Tinha

uma vaga preocupação com as possíveis repercussões de tudo aquilo para o seu negócio, mas mais do que tudo tentava compreender que raios estaria acontecendo naquela cidade em que passara todos os seus 69 anos.

Dois corpos numa só semana.

Que diabos estava acontecendo?

Reduziu a velocidade e saiu da estrada, parando em frente ao Geneva Sweet's Sweets, um café de telhado plano e pé direito baixo, pintado de vermelho e branco. Tinha cortinas amarradas com fita nas janelas e uma placa com uma seta luminosa indicando a porta da frente. Letras em vermelho e preto anunciavam SANDUÍCHE DE CARNE DE PORCO 4,99 DÓLARES e AS MELHORES TORTINHAS FRITAS DO CONDADO DE SHELBY. Estacionou no lugar de sempre, uma área com uma ranhura na terra correspondente às rodas de um Pontiac, ao lado do café, entre o revestimento externo de madeira e os arbustos no terreno aberto do outro lado. Estava no local havia décadas, desde os tempos em que era apenas o Geneva's, uma cabana de um só cômodo, construída à mão. Os lugares pavimentados para estacionar, junto à bomba de gasolina, eram para os clientes. E para Wendy, é claro, parceira de negócios de Geneva havia um tempo. O velho Mercury verde dela estava estacionado bem junto à porta da frente. O carro de vinte anos, enferrujado, parecia uma pinhata arrebitada, cheia de placas de veículo antigas, painéis de ferro, dois suportes de peruca, roupas velhas e uma pequena TV, com a antena projetada para fora da janela traseira esquerda.

O sininho de metal na porta do café soou suavemente quando Geneva entrou.

Dois de seus clientes habituais, sentados ao balcão, ergueram a cabeça para olhar: Huxley, um aposentado local, e Tim, um caminhoneiro, que fazia a rota Houston-Chicago semana sim, semana não.

– O xerife está aqui –, disse Huxley quando Geneva passou por trás dele. No final do balcão, ela levantou a portinhola que dava para o seu “escritório central”, um espaço entre a cozinha e seus clientes. – Chegou meia hora depois que você saiu –, disse, e tanto ele quanto Tim giraram o pescoço para avaliar a reação dela.

– Deve ter vindo a 140 por hora o caminho todo – disse Tim. Geneva manteve os lábios apertados, engolindo a raiva a seco. Tirou um avental de um gancho ao lado da porta que levava à cozinha. Um avental velho, amarelo, com duas rosas desbotadas como bolsos.

– Com o outro, ficou aqui o dia inteiro, não foi isso que você contou? – Tim estava na metade de um sanduíche de presunto e falando de boca cheia. Ele engoliu a comida e empurrou-a com um gole de Coca. – Van Horn daquela vez não teve a menor pressa.

– O xerife? – Wendy disse do seu lugar na outra ponta do balcão. Estava sentada em frente a uma fileira de potes de vidro com tampa, preenchidos com o que havia de melhor na horta dela. Pimentas vermelhas, tomates verdes em fatias entremeados com repolho e cebolas, quiabos inteiros no vinagre. Geneva levantou os potes um por um, segurando-os contra a luz e inspecionando bem a vedação.

– Tenho algumas outras coisas lá fora – disse Wendy enquanto Geneva tirava um marcador do bolso do avental e anotava o preço na tampa de cada pote.

– Vou ficar com os picles e o quiabo em conserva – disse Geneva –, mas não quero saber do resto dessa tralha toda que você tenta vender. – Ela indicou com um gesto de cabeça o lado de lá da janela, onde estava o carro de Wendy. As duas eram da mesma idade, embora Wendy tivesse tendência a reajustar sua idade a cada ano, dependendo do seu público ou do seu humor. Era uma mulher baixinha, ombros masculinos e uma displicência estudada em relação à própria aparência. O cabelo era grisalho e preso num coque apertado. Pelo menos *havia sido* um coque apertado logo depois que ela se penteara, o que devia ter ocorrido em algum ponto entre três e sete dias atrás.

Vestia a metade de baixo de um terninho amarelo, uma camiseta desbotada do time de basquete Houston Rockets e uma botinha de couro masculina.

– Geneva, as pessoas gostam de comprar trecos antigos na beira da estrada. Elas se sentem bem com isso, se convencem de que estão vivendo melhor agora. Chamam de antiguidades.

– Eu chamo de ferro-velho – disse Geneva. – E a resposta é “não”.

Wendy deu uma olhada geral no café; Geneva, Tim e Huxley, dois outros clientes sentados numa das cabines de vinil, até chegar do lado oposto, onde terminava o serviço de comida e Isaac Snow alugava quatro metros quadrados para colocar um espelho e uma cadeira de barbeiro verde-ervilha. Isaac era um cara magro, de quase 60 anos, negro de pele mais clara, sardas acobreadas. Falava o mínimo necessário, mas por dez paus cortava o cabelo de quem pedisse. Se não aparecia ninguém, Geneva punha o homem para varrer o local e ele fazia jus às três refeições por dia que comia da cozinha dela.

O Senhor não pusera no mundo nenhuma alma que Geneva se negasse a alimentar.

Seu café nascera da ideia de que pessoas negras que não tivessem onde fazer uma parada em nenhum outro lugar no condado, bem, podiam parar ali. Fazer uma boa refeição, tomar uns goles de uísque, desde que não saíssem da linha; ter o cabelo aparado antes de ir ver a família mais ao norte ou se apresentar para um emprego que, esperava-se, ainda estaria lá quando você chegasse, porque, se não estivesse, não tinha motivo para atravessar aquele inferno do Arkansas. Quarenta e tantos anos do fim de Jim Crow, e quase nada havia mudado; Geneva estava tão conservada no tempo quanto os calendários que amarelavam nas paredes do café. Era uma constante à beira de uma rodovia que sempre levava pessoas a passar por ela.

Wendy olhou os rostos negros no salão, tentando descobrir a razão daquela atmosfera tão pesada, de uma tensão quase palpável. Atrás dela, o *jukebox* saltava para outra das cinquenta canções que tocavam

o dia inteiro, e agora era a vez de uma balada de Charley Pride com um toque de angústia gospel, uma súplica melancólica por graça.

Por um momento, ninguém falou.

Wendy então dirigiu-se a Geneva.

– Que diabos deixou você tão mal-humorada esta manhã?

– O xerife Van Horn está lá atrás – disse Huxley, apontando com a cabeça para a parede do fundo do café, repleta de calendários com as pontas viradas para cima, com anúncios de tudo, de cerveja barata a uma casa funerária local, à campanha fracassada de Jimmie Clark nas eleições para comissário do Condado, tudo remontando a quinze anos antes. Do outro lado da parede do fundo, ficava a cozinha, onde Dennis preparava uma panelada de rabada. Geneva podia sentir o cheiro de folhas de louro imersas em gordura de carne e alho, cebola e fumaça líquida. Para lá da porta de tela da cozinha ficava uma área grande, de terra vermelha pontuada por tufo de botões-de-ouro e capim-colchão, que se estendia por uns cem metros até as margens de um córrego cor de ferrugem que delimitava a fronteira oeste do Condado de Shelby. – E ele veio com mais três policiais.

– O que está acontecendo?

Geneva suspirou.

– Eles tiraram um corpo do córrego esta manhã.

Wendy olhou pasma.

– Outro?

– De uma pessoa *branca*.

– Xi, que merda.

Huxley assentiu, afastando seu café.

– Vocês todos lembram quando aquela garota branca foi morta lá em Corrigan; eles interrogaram todos os homens pretos num raio de cinquenta quilômetros. Reviraram igrejas e botecos, todos os negócios geridos por pretos, atrás do assassino ou de qualquer um que se encaixasse na descrição que tinham em mente.

Geneva sentiu alguma coisa se remexer no seu peito, sentiu que o medo que vinha tentando conter abria caminho, crescendo até parecer sufocá-la por dentro.

– E ninguém mexeu uma palha a respeito do preto morto lá na estrada rural na semana passada – disse Huxley.

– Eles já nem pensam mais naquele homem – disse Tim, atirando um guardanapo engordurado no prato. – Mas a coisa muda de figura quando é uma moça branca que aparece morta.

– Anote o que estou dizendo – disse Huxley, olhando sério para cada um dos rostos negros no café. – Alguém vai acabar pagando por isso.

Parte Um

1.

DARREN MATHEWS DEIXOU seu chapéu Stetson ao lado do banco das testemunhas, com a aba para baixo, do jeito que seus tios haviam ensinado. Para a audiência do dia, os Rangers permitiram que usasse o uniforme oficial – camisa engomada, com a vida útil quase vencida, abotoada de cima a baixo, e uma calça escura bem passada. O distintivo prateado preso no bolso esquerdo do peito. Fazia semanas que não o usava, desde a investigação sobre Ronnie Malvo que levava à sua suspensão; tampouco vinha usando mais a aliança de casamento. Mas ela agora também fazia parte da vestimenta do dia. Ele resistiu à vontade de ficar mexendo nela, revirando o metal em volta do dedo anular da sua mão inexplicavelmente inchada.

Ficou de novo lutando em vão para reter sua única memória após as 8 da noite anterior: um pratinho de isopor com frango defumado, uma bandeja para sofá, uma garrafa de uísque Jim Beam e um *blues* no aparelho de som *hi-fi* do tio. O clique do gelo, aquela primeira dose, eram as últimas coisas de que se lembrava. E o alívio, é claro, que vem com a rendição. Sim, ele não tinha o que fazer em relação ao seu casamento, ponto um. Ponto dois, verter três dedos de bebida e repetir. Ponto três, deixar os vocais roucos de Johnnie Taylor assumirem o controle – sua masculinidade prepotente, suas afirmações sobre as coisas que um homem precisa ter na vida, como o amor de uma boa mulher, sua lealdade e disposição para atravessar o inferno junto com ele, se isso for o necessário para chegar do outro lado. A guitarra triste, o calor âmbar do *bourbon*, tudo isso flutuava no limiar de sua memória. E, depois, nada além da súbita dureza da madeira na varanda traseira da casa campestre da sua família, onde Darren acordara ao raiar do dia.

Ele tinha uma farpa enfiada na bochecha e não fazia a menor ideia do que acontecera com sua mão. Não havia sangue, só uns ferimentos acima dos nós dos dedos e uma dor torturante, que só passou depois que ele tomou quatro comprimidos de Ibuprofeno, mas era evidente que tivera contato com algo na propriedade, algo que o atingira *duramente*. Aquela familiar névoa de vergonha da manhã seguinte, com a qual convivia desde que ele e Lisa haviam se separado, embotava sua curiosidade, e ele não fizera nenhuma tentativa de entender o que tinha acontecido. Os fatos, como ele os percebia: bebera sozinho e acordara sozinho. As chaves do seu carro ainda estavam no *freezer*, onde as deixara num momento de precaução espetacular. Pelo jeito, não machucara ninguém, exceto a si mesmo, e isso já era alguma coisa. Mas estava mortalmente cansado, de dormir sozinho, de comer sozinho, de não ter o que fazer a não ser esperar: pelo resultado daquele grande júri e que a esposa lhe dissesse que podia voltar para casa.

– E de onde o senhor conhece o réu? – Frank Vaughn, o promotor distrital do Condado de San Jacinto, perguntou de seu assento no estrado.

– O Mack trabalhou com...

– Como?

– Rutherford McMillan... “Mack” – disse Darren, explicando. – Ele trabalha com a minha família há mais de vinte anos.

E foi por isso que, na noite em que Mack apontou uma arma para Ronnie Malvo, Darren foi de Houston até a casa de Mack no Condado de San Jacinto em menos de uma hora. Lisa implorara para que não fosse. Estava de folga, disse ela. Mas os dois sabiam que não era essa a questão. Ele simplesmente acabara de voltar depois de um mês fora, e ela estava furiosa vendo que ele não se importava em largá-la sozinha de novo. “Darren, não vá.” Mas ele foi embora assim mesmo, saiu voando para ajudar Mack, e agora era testemunha numa

investigação de homicídio. Desde então vinha pagando por não ter dado ouvidos à advertência de Lisa – “Darren, não vá”.

Frank Vaughn assentiu e olhou para os membros do grande júri, homens e mulheres do Condado, tirados de suas fazendas, agências dos correios e barbearias, gente para quem um dia no tribunal era uma verdadeira aventura – até uma diversão –, mesmo com a vida de um homem em jogo. O promotor tinha talento para contar histórias, controlava bem o ritmo e as nuances da trama, parcelava sem pressa a informação crucial. Não havia um juiz, apenas o oficial de justiça, o promotor, um relator do tribunal e os doze membros do grande júri, que tinham a solene tarefa de decidir se iriam ou não indiciar Rutherford McMillan por homicídio qualificado. Como todos os procedimentos de um grande júri são privados, os bancos cor de mel da galeria estavam vazios. O cenário era francamente favorável ao estado. Nem o réu nem seu advogado tiveram permissão de se pronunciar a respeito da apresentação de evidências por parte do estado. Darren estava lá, aparentemente, em apoio à promotoria. Mas planejara fazer o possível para plantar uma semente de dúvida na mente dos membros do grande júri. O truque era fazer isso e *ao mesmo tempo* cumprir seu papel, um risco que ele se dispunha a correr. Não queria acreditar que Mack tivesse matado alguém a sangue-frio.

– De que maneira ele trabalha para sua família? – Vaughn perguntou.

– Ele cuida da nossa propriedade no Condado, seis hectares em Camilla. É a casa onde fui criado, mas não tem ninguém mais morando ali, não o tempo todo, já faz anos – ele disse. – Bem, acho que tecnicamente eu moro lá agora. Veja, minha esposa e eu estamos enfrentando alguns pequenos problemas, e ela disse que precisava de espaço para...

Protesto: evasivo.

É o que ele teria dito se fosse o promotor Vaughn, se aquele fosse um julgamento real.

Mas não havia juiz ali. E Darren, que já havia sido aluno de Direito, sabia que poderia usar isso a *seu* favor, também. Queria que os jurados o conhecessem, que ficassem mais inclinados a acreditar que ele estava dizendo a verdade. Não confiava que o distintivo fosse suficiente, não com a aparência que ele apresentava. Os sovacos de sua camisa estavam molhados, e havia um odor rançoso vazando de seus poros. Sentia os primeiros efeitos de uma ressaca que até então ficara escondida atrás da dor em sua mão. Seu estômago revirou, e ele arrotou algo úmido e azedo.

Darren quebrara uma das regras fundamentais de seus tios: nunca vá para a cidade parecendo pedir desculpas, sentindo-se inferior ou como um homem que acha que precisa se justificar quinze vezes por dia. Até seu tio Clayton, que havia sido advogado de defesa e professor de Direito constitucional, vivia dizendo que, no caso de *homens como nós*, calças folgadas ou uma camisa para fora da calça gritavam “suspeito”. Seu gêmeo idêntico e oposto ideológico, William, ele mesmo um policial e Ranger, concordava inteiramente. “Não dê a eles motivo para pará-lo, meu filho.” Os dois homens raramente concordavam – contrariando a crença de que gêmeos compartilham seus pensamentos –, exceto pelo fato de serem Mathews, uma tribo que remontava a várias gerações no Leste do Texas rural, homens negros para quem o amor próprio era não só um estado natural como uma tática de sobrevivência. Seus tios seguiam essas regras antigas da vida no Sul, pois compreendiam a facilidade com que o comportamento geral de um negro podia virar uma questão de vida ou morte. Darren sempre quis acreditar que a geração deles era a última que precisaria viver desse jeito, que a mudança poderia vir aos poucos da Casa Branca.

Quando na realidade o que se revelou verdadeiro foi o oposto. Na esteira de Obama, a América deixou cair sua máscara.

Além disso, seus tios eram gigantes em comparação a ele, homens de estatura e propósito, que acreditavam ter encontrado em suas

respectivas profissões uma maneira de tornar o país fundamentalmente acolhedor para a vida dos negros. Para William, o Ranger, a lei iria nos salvar *protegendo-nos* – pois levaria a juízo os crimes cometidos contra nós com o mesmo zelo com que processava os crimes contra os brancos. Não, dizia Clayton, o advogado de defesa: a lei é uma mentira da qual os negros precisam *proteger-se* – um conjunto de regras escritas contra nós desde a primeira vez em que se colocou tinta sobre pergaminho. Era um debate sagrado que considerava a vida do negro santificada, merecedora de continuidade, que precisava ser salvaguardada, um debate que Darren vinha acompanhando desde que começara a dar os primeiros passos entre as longas pernas deles debaixo da mesa da cozinha, quando os irmãos ainda moravam juntos, antes de terem uma briga por causa de uma mulher. Haviam criado o sobrinho Darren desde que ele tinha apenas alguns dias, e ele passara a vida em meio à divisão ideológica da família.

Vaughn interrompeu-o, passando para a sua próxima pergunta.

– Então, quando Rutherford McMillan ligou para o senhor naquela noite foi como amigo ou como membro dos Texas Rangers?

Protesto: envolve especulação, Darren pensou.

– As duas coisas, imagino – disse ele.

– E o senhor sabe por que McMillan chamou o senhor em vez de ligar para o número da polícia?

Lisa havia perguntado a mesma coisa. Sentada na cama deles, com uma camiseta desbotada da Universidade Metodista Meridional, ela perguntou por que Mack não ligara para as autoridades locais, por que Darren tinha que se meter naquilo. Darren garantiu a ela que Mack tinha ligado para o xerife local. Um equívoco, como ele descobriu tarde demais. Mas não ia revelar isso ao júri.

– Acho que ele se sentiu mais à vontade lidando com alguém que conhecia – disse ele.

As sobrancelhas ruivas de Vaughn se juntaram. Era um homem branco nos seus quarenta e tantos anos, um pouco mais velho do que Darren, cabelo castanho uns dois tons mais escuro que as sobrancelhas. Darren achava que ele tingia o cabelo, e então veio-lhe à mente uma imagem repentina e terrível de Vaughn andando pelos corredores do supermercado Brookshire Brothers na cidade, procurando uma tintura de cabelo *Miss Clairol*. Vaughn era o próprio cara do governo, vestido de modo simples, terno azul e botas marrom-claro bem engraxadas. Havia sido informado de que Darren não concordava com aquele indiciamento, que achava que os Rangers e o estado do Texas estavam cometendo um erro. E farejara que Darren escondia algum truque, desde que haviam se reunido pela primeira vez para preparar seu testemunho.

– Certo, era alguém que ele conhecia – disse Vaughn, olhando para os jurados. – Um agente da lei. Mas, de todo modo, um amigo dele, o senhor concorda?

Darren foi cuidadoso ao responder.

– Havia amizade, sim.

– Bem, o senhor dirigiu até lá vindo de Houston para ajudá-lo. Não acho que faria isso para uma pessoa qualquer.

– Havia um criminoso conhecido na propriedade do homem.

– Um bicho de goiaba, não foi assim que o Mack o chamou?

– Sim, depois que o Malvo o chamou de preto safado – disse Darren.

A palavra, proferida assim com todas as vogais e consoantes no tribunal, disparou um alarme pela sala. Vários dos jurados brancos ficaram visivelmente tensos, como se achassem que o mero fato de se pronunciar a expressão em voz alta no meio de brancos e negros poderia incitar violência, ou fazer o Al Sharpton aparecer por ali.³

Mas Darren queria que isso ficasse claro: Ronnie “Redrum”⁴ Malvo era um cara coberto de tatuagens, com ligações com a Irmandade Ariana do Texas, uma organização criminosa que fazia dinheiro com a

produção de metanfetaminas e a venda ilegal de armas – uma quadrilha cujo único rito de iniciação consistia em matar um negro. Ronnie vinha assediando havia várias semanas a neta de Mack, Breanna, uma aluna de meio período da Sam Houston State – seguindo-a no carro dele quando ela ia e voltava da cidade, dirigindo-lhe termos que ela não gostaria de ter que repetir, zanzando de carro na frente da casa dela, para cima e para baixo, quando sabia que ela estava em casa, falando mal da cor de pele dela, do corpo, do jeito que ela usava o cabelo “afro”. A garota estava em pânico, claro. Ronnie Malvo era conhecido por ter uma vez atirado num cachorro que fizera cocô no seu jardim, por ameaçar fazer isso e mais coisas a qualquer pessoa negra que chegasse a menos de cinco metros do barraco que ele chamava de casa. Costumava espancar garotos quando estava no ensino médio, vandalizava fazendas de propriedade de negros, arrancava pés dos cultivos e derrubava cercas, e uma vez foi preso por atear fogo a uma igreja episcopal metodista africana na vizinha Camilla, cidade natal de Darren. Ronnie tinha uma constituição de hidrante, baixinho e troncudo, a cabeça pontuda e um cabelo ralo que ele escondia com bandanas. Mack era um homem negro de 70 anos, que se lembrava da Ku Klux Klan, de se esconder atrás do pai e de uma espingarda de caça, do medo de ataques noturnos e das histórias de homens da Klan atacando cidades como Goodrich e Shepherd. Mas agora estávamos em 2016, e Mack não precisava mais encarar essa merda toda.

– Certo – disse Vaughn. – Um criminoso conhecido e, como o senhor diz, sabidamente um defensor da supremacia branca, estava ameaçando o réu...

– Não tenho certeza de que Ronnie estivesse ameaçando-o. – Ele olhou para a primeira fileira de jurados, quatro homens e duas mulheres, todos brancos. – Mas Mark tinha todo o direito de proteger sua propriedade – disse Darren. Dois dos jurados brancos assentiram.

Havia alunos da oitava série no Texas que já eram capazes de recitar de cor a doutrina do castelo,⁵ a lei estatal sobre “defender seu território”, com a mesma facilidade que conseguiam citar o juramento à bandeira.

O caso de Mack era um exemplo perfeito.

Ronnie Malvo invadira a propriedade de Mack acobertado pela escuridão, numa picape Dodge Charger último modelo, a altura elevada por rodas de vinte polegadas, provavelmente comprada com dinheiro de drogas. Deixara o motor em ponto morto e os faróis ligados, ar quente saindo pelo escapamento de dois canos e sumindo como fumaça entre os pinheiros cônicos em volta do pequeno terreno de Mack nos arredores do Condado de San Jacinto, com o vizinho mais próximo a pelo menos quatrocentos metros pela estrada de pista única que passava diante da casa de Mack.

Breanna, que estava sozinha em casa, foi até a varanda do chalé de tábuas que compartilhava com Mack, tentando ver quem estava sentado lá no escuro observando a casa. Quando viu o Dodge e a silhueta de Ronnie Malvo no banco da frente, deu meia-volta na mesma hora e deixou cair o celular, que rachou em dois lugares. Correu para dentro e trancou a porta, e então chamou o avô pelo telefone da cozinha. Da cabine de sua velha picape Ford, Mack então ligou para Darren e voltou correndo para casa, do seu emprego na vizinha Wolf Creek. Quando Mack entrou na garagem, sua picape bloqueou a única saída de Ronnie Malvo.

Mack gritou para Breanna pegar o revólver dele dentro de casa. Ela apareceu segundos depois com um .38 de cano curto. Mack não sabia se Ronnie estava armado. Mas puxar uma arma diante de um homem com certeza era o jeito mais rápido de descobrir.

Quando Darren chegou, os dois homens estavam num impasse.

Darren chegou à casa de Mack com os faróis desligados e estacionou a picape sob os galhos de um velho carvalho. Andando na ponta dos pés pela entrada de terra e cascalho, Darren deparou-se com

a seguinte cena: Mack, em pé no meio das tralhas do seu quintal, o .38 apontado na cabeça de Ronnie, e Ronnie jurando que estava só tentando conversar com a garota e dizendo: “Mas não vou ficar aqui parado e deixar esse preto safado atirar em mim a sangue-frio”. Ele tinha uma .357 apontada para o peito de Mack, uma arma com poder de fogo maior que o de uma Colt .45 Darren puxou a arma do coldre. Ronnie parecia louco da vida com a insensatez daquilo tudo. Queria que o “velho preto com cabeça de algodão” tirasse a porra da picape dele dali, já que queria tanto que ele fosse embora da sua propriedade. Mack disse a Ronnie que primeiro ele teria que botar aquela sua “bunda de caipira branquelo” no Dodge. Cuspe voando, testa retesada de ódio.

– Ponha essa arma no chão, Malvo – disse Darren. – Vamos todos sair limpos disso.

– Diga isso pra esse preto aí – disse Ronnie, apontando com a cabeça para o Mack.

– De que preto você está falando, Ronnie? – disse Darren. – E antes de responder, lembre-se de que um desses dois pretos é um Texas Ranger que precisou sair da cama por causa disso. Eu não estou exatamente com muita paciência. – A Colt brilhou refletindo a luz da lâmpada da varanda da frente. Por um momento, Ronnie pareceu encurralado e em pânico, mas Darren sabia que isso não era necessariamente uma coisa boa. Ronnie começava a ficar agitado. Duas armas apontadas para a sua cabeça, ele tremia nas botas de motociclista, e só agora compreendia que levava a brincadeira longe demais, que havia sido desafiado e feito papel de bobo. O orgulho era uma coisa infernal, e Darren sabia que muitos homens haviam sido mortos por muito menos.

De repente ele mudou de tática.

– Mack, largue a arma – disse Darren. Dos dois, Mack era quem ele imaginava que poderia ser chamado à razão. Mas estava equivocado.

– Mas não largo de jeito nenhum – disse o velho.

– Eu entendo, Mack.

– Eu não quero encrenca, cara – disse Ronnie. Darren ouviu Breanna chorando na varanda.

– Eu quero esse filho da puta fora da minha propriedade – Mack disse.

– Ponha a arma no chão, Mack. Não vale a pena.

– Eu tenho todo o direito de proteger minha propriedade.

– Eu sei, mas cada minuto que você gasta segurando esse revólver deixa a gente mais perto de uma situação da qual eu não vou ter como tirar você. Ouça, Mack. Não deixe o cara levar você pra prisão. Eu vou pegá-lo por invasão de domicílio, certo? Mas você precisa largar essa arma.

– Não quero saber de nada disso – disse Mack, com os olhos brilhando, úmidos e vermelhos. – Quero ele morto ou fora daqui, nada que fique entre essas duas coisas.

– É só você tirar a picape que eu vou embora – disse Ronnie. – Eu só estava zoando a menina. Ela devia ficar feliz, porque ninguém mais deve querer olhar para essa bundinha de macaquinha dela.

– Jogue suas chaves para a Bre, Mack – disse Darren. O velho fez o que lhe mandaram, mas não abaixou o revólver, que parecia uma arma de brinquedo na sua mãozona. Darren mandou Breanna pegar o Ford de Mack e colocá-lo lá fora na estrada, para que Ronnie Malvo pudesse sair da garagem da casa e ir embora da propriedade.

A essa altura, Mack estava quase chorando, xingando e com filetes de saliva caindo pelos cantos da boca.

– Não tem o direito de entrar no meu terreno, ficar xeretando minha menina. Não tenho que dar mole para um invasor desses.

Darren sentiu uma mudança na respiração de Mack, que estava esquentado e decidido. Pensou que restavam alguns segundos antes que o homem desse vazão à raiva que retesava cada músculo de seu corpo magro.

– Tire a picape já daí!

Enquanto Breanna corria da varanda até o Ford de Mack, Darren aproveitou a distração e partiu para cima de Mack. Agarrou o braço direito dele pelo pulso e puxou para baixo num só movimento, sem deixar de manter sua Colt treinada apontada para Ronnie. Mack xingou, mas depois cedeu, e desabou em cima dos tufo de grama. Ronnie imediatamente baixou a arma. Atirou-a pela janela aberta do lado do motorista do seu Dodge, e então deu um pulo até o banco dianteiro, rápido como se o rabo dele estivesse pegando fogo.

Darren concluiu esse depoimento recitando a doutrina do castelo textualmente.

Vaughn irritou-se.

– Aqui quem lida com a lei sou eu, senhor Mathews.

– *Ranger* Mathews, por favor.

– O problema, *Ranger* Mathews, é que em vez de ligar para a polícia, o réu fez questão de ligar para um *Ranger* que ele conhecia, um companheiro afro-americano que com certeza iria compreender a raiva que este incidente era capaz de despertar...

– Protesto. – Desta vez, Darren disse isso em voz alta.

Vaughn olhou furioso para ele do alto do pódio, sua mão direita agarrando a beirada tão forte que os nós dos dedos dele ficaram mais claros. – Senhor Mathews...

– Sou um Texas *Ranger*, doutor.

– Então aja de acordo.

Vaughn sabia que havia ido longe demais assim que as palavras deixaram sua boca. As mulheres na primeira fileira do júri balançaram a cabeça diante do modo como ele se dirigira a um membro da agência policial mais respeitada no estado. Um dos dois homens negros da segunda fileira cruzaram os braços, sérios, girando um palito de dentes de um lado para o outro da boca, como se fosse uma pequena adaga apontada direto para o promotor distrital.

– Pode continuar com as perguntas – disse Darren, aproveitando o momento.

– O senhor Malvo foi embora por sua livre vontade naquela noite, certo?

– Sim. Malvo jogou a arma no interior do seu carro e fugiu da cena.

Dois dias depois, quando Ronnie foi encontrado morto numa vala junto à sua propriedade, com dois projéteis de .38 no peito, foi o boletim de Darren sobre o incidente que colocou Mack na lista de suspeitos. Ele se sentiu responsável por todo esse suplício. Umás cem vezes por dia, Darren se arrependia de ter aparecido lá naquela noite, de ter apresentado aquele boletim. Na realidade, depois de digitá-lo, fez uma pausa, olhando preocupado para as páginas conforme iam saindo da impressora, sabendo que o simples fato de colocar o nome de Mack num boletim de ocorrência, fosse ele vítima ou não, já abria uma porta pela qual Mack poderia nunca mais voltar. A criminalidade, depois que toca a vida de um negro, vira uma mancha difícil de remover. Mas Darren era um policial, portanto tinha que fazer seu trabalho. Havia seguido as regras, e isso levava todos eles até ali – num grande júri que iria decidir se acusaria o velho de assassinato. Se fosse indiciado, iria a julgamento, um homem de 70 anos, que não fizera outra coisa na vida a não ser trabalhar e amar sua família. Se condenado, seria posto no corredor da morte.

A verdade era que Ronnie Malvo integrava uma das gangues mais violentas da história americana, homens que destruíam até os próprios membros, especialmente os que fossem suspeitos de traição. Darren conhecia a história de um dos chefões da Irmandade Ariana do Texas que uma vez ordenara uma execução particularmente cruel de um subalterno suspeito de abrir o bico com os policiais. Encontraram o garoto de 19 anos, suposto delator, pendurado pelo pouco de carne que ainda restava sobre os ossos numa cerca de uma fazenda de trigo no Condado de Liberty. Qualquer um podia ter matado Ronnie Malvo, que *era* na realidade um criminoso informante do governo federal. Darren era a única pessoa no tribunal, incluindo o promotor distrital, que sabia disso. Estava trabalhando fora do escritório dos

Rangers em Houston e, poucos meses antes do homicídio de Malvo, havia solicitado insistentemente um lugar numa força-tarefa composta por vários órgãos, dedicada a investigar a IAT com os federais. Claro que não tinha permissão de dizer uma palavra a respeito disso, mas sabia que a Irmandade tinha razões para colocar Ronnie num saco de defunto – se alguém tivesse descoberto que ele andara conversando.

– O senhor Rutherford McMillan estava muito descontrolado naquela noite, o senhor concorda?

Darren minimizou para “preocupado”, acrescentando:

– Ele não parecia estar empenhado em se vingar, se é isso o que o senhor quer dizer.

– Não queremos que o senhor interprete.

– Só posso falar daquilo que vi, e Mack não atirou em ninguém.

Vaughn franziu os lábios. Isso saía do roteiro, e Darren sabia.

– Ronnie Malvo foi alvejado com um revólver .38, certo?

– Não trabalhei na investigação.

– E por que não?

– Não fui escalado – disse com naturalidade.

– O tenente Fred Wilson declarou que o senhor era próximo demais para isso, certo?

– Certo, Ronnie Malvo foi alvejado com um .38 – Darren cedeu.

– E na noite em que o senhor estava na propriedade viu McMillan apontar um revólver .38 para o falecido, certo?

– Que ele não disparou. – Darren se mexeu na cadeira. – Ele só queria ser deixado em paz, sentir-se seguro em sua casa. Foi por isso que me chamou.

Na hora em que Ronnie fugiu da propriedade de Mack, acelerando o motor ao máximo e levantando uma nuvem de poeira e cascalho atrás dele, Darren se ajoelhou ao lado de Mack, um homem que ele nunca vira choramingar em vinte anos, muito menos chorar tão ostensivamente como naquela noite, desconcertado por ter chegado

tão perto de matar um homem. Darren deixou claro que poderia ir atrás de Ronnie ou ficar com o homem e sua neta.

Baixinho, Mack pediu que ficasse.

Darren acabou passando a noite toda na varanda da frente de Mack, revólver na mão, à espreita de qualquer par de faróis que pudesse chegar se insinuando pela casa. Manteve a vigilância até as nuvens da manhã aparecerem, baixas e rendilhadas de vermelho-ferrugem, com a terra do Leste do Texas refletida no céu. Ficou de plantão naquele pequeno canto do estado para que Rutherford McMillan pudesse ter uma noite de merecida paz.

Dois dias depois, Ronnie Malvo foi encontrado morto atrás da própria casa.

– O que leva à minha última pergunta – disse o promotor Vaughn, as mãos entrelaçadas às costas. Darren notou uma tênue, discretíssima elevação nos cantos da boca dele. – O senhor não ficou com o réu nas 48 horas seguintes, ficou?

– Voltei para casa. Voltei para o trabalho.

E para Lisa, que dizia para ele retomar a faculdade de Direito. “Prometa que pelo menos vai pensar nisso, Darren.”

Era fácil assim, ele sabia.

Escolher uma vida que ela compreendesse e voltar para casa.

– Sua resposta é não, portanto?

– Isso mesmo, não fiquei com ele.

– Portanto, o senhor não teria como saber se, no intervalo dessas 48 horas, o senhor McMillan poderia ter saído da sua casa com essa mesma arma para ir até o senhor Malvo, atirar nele e matá-lo, certo?

– Certo – disse Darren. Um fio de suor escorria agora pelo seu lado direito. Sentia-se preocupado porque talvez o suor aparecesse como uma mancha na camisa, e porque talvez tivesse arruinado a vida de Mack.

2.

- A ARMA AINDA não apareceu.

- E é por isso que eles ainda não têm um caso em mãos – Greg disse ao telefone.

- Você acha que o pessoal aqui do Condado de San Jacinto está minimamente preocupado se tem ou não provas? – disse Darren, entornando no copo o resto do refrigerante Big Red que havia pedido no Kay's Kountry Kitchen, em frente ao tribunal, ignorando momentaneamente o uso indiscriminado da letra K – um ato flagrante de microagressão, bem ao estilo do Texas –, porque o lugar estava aberto e era logo ali, e sua mão precisava de um trato. Despejou o líquido e teve o cuidado de separar o gelo, colocando-os num lenço que encontrou no porta-luvas. Amarrou as pontas do lenço e pressionou aquela bolsa de gelo improvisada nos ferimentos dos nós dos dedos da mão esquerda. – Porra, metade deles provavelmente gostaria de atirar nesse cara. Ronnie Malvo é o que eles chamam de *white trash*⁶ de primeira classe, e esse ódio deles é o último tipo de ódio ainda permitido entre pessoas de bem.

- Então talvez eles tratem McMillan como um herói e parem de acusá-lo.

- Nada de bom pode vir do pessoal daqui se acharem que o Mack é um assassino – disse Darren, encostado na porta do motorista da sua picape Chevy. – As regras não são as mesmas para ele, e você sabe que é assim, Greg – disse, olhando em volta da pracinha de Coldspring. Era um semáforo intermitente num único cruzamento, rodeado por todos os lados de lojas de antiguidades e brechós, vendendo de tudo, de armas antigas a berços usados e emblemas da Estrela Solitária do Texas, de ferro enferrujado, para pôr em alpendres de madeira.

Nenhuma novidade chegava ou passava pelo Condado de San Jacinto. Era uma economia movida por seus próprios refugos.

– É apenas o FBI tentando proteger sua investigação – disse Darren. Greg Heglund fingiu um suspiro ofendido.

Era, na realidade, o agente Heglund, da Divisão de Investigações Criminais do escritório de Houston do FBI. Eles haviam se conhecido nessa mesma cidade anos antes, quando Clayton, tio de Darren, o matriculara num colégio particular de Houston, pois achava que nada no Condado de San Jacinto seria bom o suficiente para seu sobrinho. Lisa e Greg foram os primeiros amigos que Darren fez na escola, pela qual se formou mais tarde. Os três acabaram enveredando por algum ramo da lei, e ele e Greg continuavam mantendo contato esses anos todos.

Greg era um branco que tinha andado com caras negros a maior parte da vida – jogava bola, namorava garotas negras e preferia shows de step dance à dança *country*, ou seja, o pacote completo. Tudo isso acabou, é claro, na hora em que ele entrou para o FBI, trocando os tênis da linha Michael Jordan por calçados e roupas da Johnston & Murphys. Mas Darren não o censurava por isso. Ele praticamente ensinara a Greg a arte de ser flexível em relação a esses códigos, mesmo que fosse por osmose. Para Darren, era uma espécie de esporte ou balé que todo homem negro devia aprender. Além do basquete, essa era a única coisa em que os dois de fato convergiam. Nos eventos sociais dos Rangers, Darren comentara uma vez ou outra que gostava de Vince Gill ou Kenny Chesney, quando não era bem verdade, e fizera Lisa rodopiar pela pista de dança com ele ao som dessas músicas. Conseguia tolerar Johnny Cash e Hank Williams, o *country* clássico com o qual crescera – tinha uma afeição incontrolável por Charley Pride em princípio –, mas o *blues* era o verdadeiro legado de um texano negro. Ele fez Greg ouvir Clarence “Gatemouth” Brown e Freddie King muito antes de os dois ouvirem falar de Jay Z ou Sean

Combs.⁷ O ponto era que Darren sabia que podia ser sincero com Greg, sempre. Era assim que os dois se davam.

Greg não fazia parte da força-tarefa que vinha rastreando a Irmandade Ariana do Texas, detalhando suas atividades dentro e fora das instalações prisionais do estado – incluindo venda de metanfetamina e armas automáticas, múltiplos homicídios e associação criminosa –, mas conhecia boa parte dos meandros da investigação. Ronnie Malvo havia concordado em colaborar com a investigação alguns meses atrás, atenuando as próprias acusações de associação criminosa em troca de dar seu testemunho quando fosse oportuno. Ele detinha em suas mãos tatuadas informações suficientes para prender vários chefes da IAT. Se alguém dentro da Irmandade ficasse sabendo de seus planos, Ronnie Malvo acabaria morto, de um jeito ou de outro. Darren fez a mesma avaliação que repetia havia semanas:

– Isso tem todo o jeito de ser coisa da IAT.

Greg argumentou do outro lado.

– Dois ferimentos de bala e sem nenhuma carnificina? Não se parece nem um pouco com a assinatura deles. – Ele pedia cautela a Darren, para que não se apegasse demais a essa linha de pensamento e lembrasse que o fato de defender Mack poderia custar-lhe caro.

– Isto é tão circunstancial quanto achar que foi o Mack só pelo fato de ele ter um .38.

– Um .38 que sumiu.

– Ele reportou que a arma foi roubada. – Darren sabia o quanto isso soava mal.

– Ele reportou o sumiço um dia antes de acharem o corpo do Malvo. Você sabe que a gente não põe ne-nhu-ma fé em coincidências quando se trata desses assuntos – disse Greg, bem-humorado, ressaltando cada sílaba. – Eles ainda acham que você teve algo a ver com isso?

– Ninguém tem colhão de falar isso na minha cara – disse Darren. – Só para constar, o que eles estão dizendo é simplesmente que eu nunca deveria ter ido lá naquela noite em caráter oficial, por causa do meu relacionamento com o Mack. Ou então que eu deveria ter deixado o Mack ali e ido atrás do Malvo. Mas a suspensão também é uma maneira conveniente de me deixar fora da força-tarefa sem ter que admitir que minha negritude causa um problema para eles. A suspensão me coloca longe da IAT.

– Você não deve ser o primeiro Ranger que não vai com a cara dele.

– Isso é para me fazer me sentir melhor?

Os rumores haviam começado pouco depois de Darren entrar para a força-tarefa. Seu tenente, Ranger Fred Wilson, de início relutou em deixá-lo participar, por razões que ele não queria, ou *não poderia*, colocar em palavras sem ter que reconhecer a única coisa que um Ranger nunca menciona: a raça. Eram Rangers em primeiro lugar – e, em segundo, homens, mulheres, brancos, pardos ou pretos. Mas Darren não entendia como o FBI, com a ajuda dos Texas Rangers, seria capaz de investigar uma organização chamada Irmandade Ariana do Texas *sem* mencionar a questão racial. Os investigadores federais estavam atrás da IAT por acusações que envolviam drogas e associação criminosa, e o tenente Wilson queria se certificar de que Darren havia entendido isso quando concordaram em deixá-lo se juntar à unidade dos Rangers para auxiliar os agentes do FBI ali em Houston.

– Veja, Mathews, isso aqui não tem nada ver com aquele filme *No calor da noite*⁸ – disse ele. – Esses caras estão tocando um empreendimento criminoso sério e sofisticado, ganhando milhões com uma atividade ilegal em todo o estado. – Verdade. Mas tentar acabar com a Irmandade sem lidar com o ódio racial no seu cerne era como querer mergulhar numa piscina sem se molhar.

Haviam passado poucas semanas desde que ele começara as primeiras entrevistas em nome da força-tarefa quando Mack ligou para dizer que a casa da família em Camilla – a casa de campo onde

Darren fora criado – havia sido invadida. Fezes de cachorro – e de humanos também, Mack suspeitava – haviam sido atiradas nas paredes, dentro e fora da casa, e dois revólveres haviam sido roubados, um deles uma arma de trinta anos atrás, com cabo de madrepérola, que pertencera ao seu tio William. Isso fez Darren ficar particularmente mordido. Seu tio deixara bem poucos objetos. A maior parte de seus pertences, incluindo seu distintivo dos Rangers e o chapéu Stetson que usava quando se aposentou, ficaram para Aaron, o filho de William, um policial da força pública estadual que se ressentia muito do fato de Darren ter se beneficiado de todo o nepotismo dos Mathews em relação aos Texas Rangers, antes que ele pudesse fazê-lo. Darren queria acreditar que seu diploma de Princeton e os dois anos de faculdade de Direito tinham feito dele um astro por mérito próprio, mas sabia que Aaron tinha uma ponta de razão. Se Darren não fosse sobrinho de William Mathews, provavelmente teria sido demitido por seu episódio com Mack semanas atrás. De certo modo, seu tio ainda cuidava dele.

O incidente havia sido denunciado e registrado, mas não tinha um aspecto que se encaixasse no perfil de violência da Irmandade, que recorria fortemente ao elemento surpresa, envolvia muito mais derramamento de sangue e não perdia tempo com advertências e teatralidades vazias. Mas o nome de Darren aparecera em alguns sites da IAT e no pântano das mídias sociais, onde o nacionalismo branco crescia como fungo, fato que Greg agora minimizava.

– Essas menções à sua morte iminente estão sendo muito exageradas – ele disse, querendo amenizar um pouco a situação, mas sem sucesso.
– É só conversa mole; na verdade, rumores, sem nada de concreto. Prometo que, se houver algo mais nesse sentido, nós aqui vamos nos envolver. Você está totalmente seguro.

– Vá dizer isso à minha esposa.

Lisa nunca superou a escolha de carreira de Darren, do fato de ela ter deitado na noite de casamento com um futuro advogado e

acordado anos mais tarde com um policial. Sua esposa, bem-nascida, que vestia roupa da grife St. John todo dia e punha seu sedan Lexus no estacionamento privado da firma de advocacia onde trabalhava, não compreendia aquela compulsão de entrar em confronto com a loucura, nem a atração exercida pelos Texas Rangers e pela estrela de cinco pontas que ele usava. *O que é que esse maldito distintivo tem?* Ele não irá protegê-lo, ela dizia, porque não fora feito para isso. *Ele não foi feito pensando em você.* Ela dizia que nunca iria perdoá-lo se ele fosse morto.

– Indiciar o Mack fortalece a história deles de crime racial, apenas uma dessas muitas merdas sobre raça, mais velhas que a serra – disse Darren. – Se continuarem esses rumores de que o Ronnie Malvo foi vítima do que parece ter sido um assassinato encomendado, a Irmandade vai ficar agitada, talvez mude suas rotinas ou feche algumas operações de vez, o que acabaria com a investigação federal. Não acho que o Mack deva pagar com a vida para que se possa salvar a investigação.

– E você? – Greg finalmente perguntou. – Ajudou o Mack com a arma?

– Meu Deus, não! Você também!

– Pergunto só porque sei como você se sente em relação ao Mack... E em relação a um cara como o Malvo.

– Eu sou um policial, antes de qualquer coisa. – Mas, mesmo enquanto dizia isso, não tinha certeza de que fosse verdade. Naquela manhã, já havia chegado o mais perto possível de cometer perjúrio sem ter que ser escoltado algemado para fora do edifício. Simplesmente não achava que um homem negro devesse ser preso por ter apontado uma arma a um cara como Malvo. E talvez no fundo achasse que ninguém tampouco deveria ser preso por *atirar* num cara como Malvo.

– Porque eles virão atrás de você, Darren. E eu não estou falando só do seu emprego. Vão indiciá-lo se acharem que encobriu evidências.

– Você acha que eu não sei? – disse ele. – Eu não *fiz* nada. E nem o Mack.

– Tem certeza? Um homem mexendo com a neta dele desse jeito. Se a situação fosse oposta, já teria bastado para levar o Mack à força como nos velhos tempos. Talvez o velho tenha feito um pouco de justiça com as próprias mãos.

– Agora você está parecendo a Lisa.

– Não estou querendo me intrometer – disse Greg. – E não foi por isso que liguei.

Darren sacudiu o lenço azul claro, observando os pedacinhos de gelo caírem no cascalho. Na calçada em frente à sua picape, um garoto, 5 anos de idade talvez, ficou olhando embasbacado para Darren enquanto a mãe puxava-o pelo braço dizendo “Anda, menino”. Darren, lembrando da impressão que um Texas Ranger de verdade podia causar num menino, cumprimentou-o com um toque na aba do chapéu e sorriu.

Greg continuou:

– Você soube da confusão lá em Lark?

– Nunca ouvi falar de Lark.

– Condado de Shelby, logo depois da fronteira oeste, lugarzinho pequeno. Acho que tem uns duzentos habitantes, no máximo.

– Ah, sim – disse Darren, resgatando da memória um pequeno café de beira de estrada, onde parara uma vez para tomar uma Coca. – Já passei por lá de carro, com certeza.

– Bom, acharam lá dois corpos nos últimos seis dias. Um deles de um cara negro de Chicago, um pouco mais novo que a gente, 35 anos, acho. Parece que ele estava só de passagem. Dois dias mais tarde, alguém tirou o corpo dele do Córrego Attoyac.

– Meu Deus.

– E esta manhã mesmo apareceu outro – disse Greg. – Uma garota branca, lá do lugar, 20 anos de idade. – Pelo telefone, Darren ouviu alguns papéis sendo revirados na mesa do cubículo de Greg. Ele estava

no FBI havia poucos anos e ainda não pegara nenhum caso grande, nada que pudesse impulsionar sua carreira. – Melissa Dale.

– Um tem a ver com o outro?

– Isso é o que eu gostaria de saber. Fazia anos que Lark não tinha um homicídio, e agora eles tiveram dois numa semana.

– Sem coincidências, não é? – disse Darren.

– Aí tem coisa.

Darren sentiu um tranco familiar em seu batimento cardíaco ao ouvir a menção a um homicídio racial no estado, uma aceleração que ele não conseguia evitar.

– Como você soube?

– Tenho meus espiões – Greg disse.

– Qual o nome dela?

Greg deu uma risadinha, curtindo sua fama de ter talento para colecionar mulheres, especialmente as que não se incomodavam em ser colecionadas, o que Darren não tinha certeza se era de fato um talento.

– Vamos dizer apenas que eu recebi uma ligação de alguém do escritório do médico-legista do Condado de Dallas. O Condado de Shelby pediu que eles fizessem a autópsia do homem. – Mais papéis sendo remexidos e então Greg deu o nome dele. – Michael Wright. Assim que abriram o saco do defunto e deram uma boa olhada, ficaram com um monte de perguntas para fazer ao xerife.

– Como assim?

– Algo a ver com as condições do corpo. Isso foi tudo o que eu consegui descobrir por telefone.

– Qual foi a causa da morte?

– Afogamento – disse Greg. – Mas isso significa apenas que ele ainda estava respirando quando foi colocado na água. Um caso de afogamento, e o xerife com certeza vai se aferrar a isso e vetar qualquer outra possibilidade. Ninguém quer saber de outra Jasper.

A menção à cidade de Jasper, Texas, agitou as entranhas de Darren, como Greg sabia que o faria. Em 1998, Darren era aluno do segundo ano de Direito, 23 anos de idade, ainda de luto pela morte repentina de seu tio William naquele mesmo ano. Estava numa sala de convivência estudantil comendo um sanduíche no intervalo das aulas de verão quando reportagens sobre a morte de James Byrd Jr. ocuparam as telas de todas as televisões. Darren não voltou mais à sua aula seguinte. Ficou ali horas assistindo a toda a cobertura da notícia pela TV a cabo. Foi difícil colocar em palavras a fúria que sentiu diante do fato de alguém ter literalmente arrastado um homem negro por uma cidade que ficava a 150 quilômetros do lugar em que Darren crescera, arrastado até que a cabeça dele fosse arrancada. Ele sentiu vergonha de seu país e de seu estado natal.

Mas também sentiu uma raiva abrasadora dos alunos e professores à sua volta, a maioria brancos do Norte, estalando a língua e sussurrando “Texas”, de uma maneira que sugeria ao mesmo tempo pena e desdém por uma terra que Darren amava, um estado que havia feito dele um cavalheiro e um lutador em igual medida. Era difícil conseguir pôr algo disso em palavras. Assim, nem tentou. Simplesmente caiu fora. No final do verão, fez a solicitação ao Departamento de Segurança Pública do Texas para se tornar policial do estado, primeiro passo de uma jornada de quase uma década para virar membro do venerável órgão policial conhecido como Texas Rangers, aqueles que apareciam quando os órgãos locais não podiam ou *não queriam* resolver um crime. Darren optara pelo imediatismo da única lei que importava para ele então: pôr o pé na estrada – as botas, de preferência costuradas à mão, de pele de jacaré ou de couro de boi –, com um distintivo e uma Colt .45. A balança interna que sempre pesava as coisas em seu coração pendia para o tio William. Clayton, o advogado, quando soube que o sobrinho largara a faculdade de Direito, disse apenas: “Estou profundamente desapontado com você, filho”.

– O rapaz foi morto primeiro? – Darren perguntou a Greg.

– Tiraram do córrego na sexta-feira, faz três dias. Depois foi a vez da moça, tirada da água uns quatrocentos metros corrente abaixo, hoje de manhã.

Estranho, Darren pensou.

As fábulas do Sul geralmente iam no sentido oposto: primeiro aparecia uma mulher branca morta ou que tivesse sofrido algum dano, real ou imaginário, e em seguida, do mesmo jeito que a Lua segue o Sol, um homem negro era encontrado morto. – Qual a causa da morte da moça? – ele perguntou.

– Ainda não fizeram a autópsia. O que se sabe por enquanto é que foi encontrada mais ou menos do mesmo jeito que o primeiro corpo. Se bem que há algum falatório a respeito de uma possível agressão sexual.

– Por que não mandaram um agente lá?

– O xerife não pediu nenhum agente, nem qualquer outro tipo de auxílio a esse respeito, e eu não tenho autoridade para fazer esse tipo de requisição.

– Então, o que você quer que eu faça?

– Dê um pulo lá e fuce um pouco, veja se tem alguma coisa a mais do que o xerife se dispõe a admitir. Seja a Klan ou algo pior. Como é que você definiu... Alguma dessas muitas merdas raciais mais velhas que a serra. Eu só acho que merece uma investigação de verdade. Sei que esse é o tipo de caso que fez você pegar seu distintivo.

– Eu estou suspenso, Greg. Não tenho distintivo. – Mas, quando olhou para baixo, viu que ainda estava com a estrela de cinco pontas desde que saíra da sessão do tribunal, quer dizer, na realidade vestia o uniforme completo. – E o que você ganha com isso?

– Você quer dizer além de justiça?

– Quero dizer para você se abrir comigo.

– Se houver alguma coisa concreta, uma confusão maior do que aquilo que o xerife está dizendo, alguma merda do tipo Sandra

Bland,⁹ uma coisa que eles estejam escondendo ali, se eu conseguir ser o cara que esclareceu o assunto, eu não preciso lhe dizer que isso pode me tirar dessa porra de cubículo.

– O que é isso, Greg! – disse Darren, reprovando aquela ambição nua e crua, embora a achasse compreensível. Ele também se sentira infeliz ao ocupar uma mesinha em Houston, dando assistência em crimes quase sempre de corrupção e corporativos. Só se sentiu vivo, como um homem da lei de fato, quando passou a viver no verdadeiro significado de sua denominação de Texas Ranger, um homem *em patrulha* por todo esse grande estado. Juntar-se à força-tarefa mudara sua vida, mas colocara uma pressão terrível no seu casamento. O tempo que ficava fora de casa era a maior razão do ressentimento de Lisa em relação ao trabalho dele.

– Tem alguma coisa ali que não cheira bem, D, e você sabe que não.

Darren não sabia de coisa nenhuma, não de verdade.

Exceto que corpos de negros não crescem em rios como se fossem mato.

– Dê atenção a isso apenas um ou dois dias – disse Greg. – Se sua intuição não lhe indicar nada, vire as costas e volte para casa.

Mas Darren não sabia direito onde era sua casa naqueles dias.

– Farei isso – disse.

Ele já sabia que iria, e soube no mesmo instante em que Greg descrevera a cena em Lark. Foi sua raiva em relação ao grande júri e à situação de Mack que o levou a aceitar, e também seu ressentimento com os Rangers por terem decidido suspendê-lo.

– E tem mais, Darren, fique esperto ali. A IAT também está no Condado de Shelby. – Como se Greg precisasse alertá-lo. Ele assentiu, de cara fechada, enquanto subia na cabine da sua picape e agarrava o volante com a mão machucada.

3.

PRIMEIRO, PASSOU NA CASA da mãe, porque vinha prometendo isso. Ela sabia que o filho estava ficando em Camilla, a apenas alguns minutos de carro da casa dela, e sabia que ele queria se isolar. Bell Callis morava no lado leste do Condado de San Jacinto, numa estrada de terra vermelha, ladeada por pinheiros frondosos e tílias americanas, cujos galhos lambiam agora as laterais da picape de Darren. Através das árvores, ele podia entrever os telhados pretos alcatroados dos vizinhos da sua mãe, os puxadinhos e cabanas de caça no meio do mato. Por perto, alguém queimava lixo, e a fumaça ácida penetrava pela frente da picape de Darren, um aroma familiar de vida dura. Virando numa curva da estrada, Darren cumprimentou o senhorio de sua mãe, um homem branco em seus oitenta anos chamado Puck, que deixava Bell alugar um lote de terra atrás da casa dele. Ele acenou para Darren da varanda da frente de casa, e então voltou a olhar fixo para as árvores, que era como passava a maior parte dos dias. Darren virou à esquerda e entrou na propriedade, e então foi seguindo as trilhas paralelas de pneus na terra e na grama que levavam ao trailer da sua mãe.

Ela estava sentada nos degraus de concreto da frente da casa móvel, fumando um charuto Newport e tirando esmalte da unha do dedão do pé. Tinha uma cerveja perto dela, mas Darren não se deixava enganar. A bebida de verdade estava dentro da casa. Ela levantou a cabeça e viu a picape prateada que trazia seu único filho, mas não havia nada em sua expressão neutra e indiferente que sugerisse que havia ligado para ele sem parar nos últimos quatro dias.

– Você parece mais magro – disse ela quando Darren desceu da picape.

– Você também – respondeu ele.

Ela era apenas dezesseis anos mais velha que Darren, e os dois tinham o mesmo comprimento dos ossos dos braços e pernas – eram esguios, magros como um galgo, a não ser pelos músculos que Darren ganhara no peito e nas pernas e pelo enchimento de gordura em volta do quadril que Bell conseguira preservar quando todos os demais centímetros dela pareciam ter batido em retirada, vencidos pelo tempo. Ele não chegara a conhecer seu pai. Mas os irmãos mais velhos do pai, William e Clayton, não passavam de 1,60 m de altura.

Em sua constituição, pelo menos, Darren puxara os Callis.

– Mama, quando foi a última vez que você foi ao mercado?

“Mama” nunca falhava em amaciá-la.

Os dois só se conheceram quando Darren tinha 8 anos de idade, e antes disso sua curiosidade a respeito dos pais naturais se limitara às histórias sobre o pai, e quanto mais extravagantes, melhor – mesmo que Darren “Duke” Mathews não tivesse feito muito mais em seus dezenove anos de vida do que engravidar uma menina interiorana, com a qual saíra uma ou duas vezes, para morrer logo depois num acidente de helicóptero nos últimos e tristes dias do Vietnã. Sua mãe havia sido uma curiosidade, que ele sentia tão distante da sua vida real quanto os longínquos índios Caddo na linhagem de sangue dos Mathews. Ela havia sido “Srta. Callis” nos primeiros anos dele, mais tarde “Bell”, quando ele foi para o ensino médio e a faculdade. Mas assim que ela fez 40 anos, a palavra “Mama” surgiu como se fosse uma teimosa semente alojada nos dentes dele aqueles anos todos e que finalmente brotava.

– Tenho um pouco de linguiça com feijão no forno lá dentro – disse ela, pegando a latinha de Pearl *lager*; ainda era possível comprar latinhas avulsas dessa cerveja na lojinha de apetrechos de pesca, junto aos chalezinhos do Lago Livingston, onde Bell trabalhava como faxineira três dias por semana. – Tá com fome? Quer que eu prepare um prato para você?

– Não posso ficar, Mama.

– Sei que não pode. – Levantou então, os pés descalços, sacudindo as mãos de dedos finos e elegantes. Terminou a cerveja e virou-se para a porta de tela do seu trailer. – Mas vai ficar para tomar uma comigo, sei que vai. – Ela cambaleou um pouco no último degrau antes de abrir a porta de tela e desaparecer para dentro. Darren foi atrás, entrando no trailer de dois ambientes, com o piso forrado de lado a lado por um carpete marrom-betume, desbotado.

– Quantas você já tomou hoje? – perguntou Darren, dando uma olhada rápida no relógio.

Se tivessem sido mais de oito latas antes do meio-dia, ele teria que pegar as chaves do carro dela e levá-las a pé até a casa do Puck, por segurança, uma atitude que iria fazer com que tanto a mãe quanto o filho se sentissem mal, embora por razões diferentes.

– Estou me divertindo – foi tudo o que ela disse, sentando na almofada fina em cima da banquetta em L que dividia a pequena cozinha integrada à sala de estar. Era uma mulher de 57 anos que havia sido alcoólatra a maior parte da sua vida adulta, fato que deixara Darren confuso quando adolescente e muito assustado quando adulto. Bell pegou uma garrafinha de uísque Cutty Sark, com um formato que fazia lembrar munição, e bebeu dela como quem chupa um mamilo. Eles vendiam aquelas garrafinhas de levar no avião por cinquenta centavos na lojinha de apetrechos de pesca, e Bell as enfileirara no parapeito da janela, como num cinto de cartuchos de rifle.

– É meu dia de folga.

– O que você quer, Mama?

– Você é chique demais para tomar uma bebida com a sua Mama? – disse ela, dando um tapinha na almofada de imitação de caxemira, junto dela. Tinha o cabelo trançado num coque e havia um frasco de esmalte de unha em cima da mesa. *Ela deve estar indo a algum lugar hoje à noite*, ele pensou.

– Eu estou de serviço.

– Está nada. Lisa me contou.

– Não, ela não contou.

Seria algo inédito, Lisa e a mãe dele conversando. Bell sequer fora ao casamento, tinha sido excluída da lista de convidados por insistência tanto de Lisa quanto de tio Clayton, que nutria uma antipatia particularmente forte por Bell Callis. Seu tio William costumava dar-lhe alguma coisinha todo mês, para ela ir levando, sem nunca perguntar para onde ia o dinheiro. Mas isso parou no dia em que ele morreu. Clayton mantinha Bell a certa distância, e sempre ficava tenso à menção do nome dela, como se achasse que ela poderia ainda tentar reclamar Darren um dia, aparecer e tentar refazer a infância inteira dele, levando o único filho que Clayton conhecera. Todo ano, o Natal era com os Mathews – Clayton; Naomi, viúva de William; e os dois filhos deles, Rebecca e Aaron. A Páscoa era com os pais de Lisa na segunda casa deles, no Novo México. O Dia de Ação de Graças era com amigos, em geral Greg e os Rangers, a família estendida de Darren. Ele não achava que sua mãe e sua esposa tivessem alguma vez compartilhado o mesmo espaço. A ideia de que Lisa tivesse revelado as dificuldades profissionais dele à sua mãe significava ou que Bell mentia, ou que sua esposa estava com muito mais raiva do que ele imaginava.

– Darren, eu não vou deixar ninguém me chamar de mentirosa na minha própria casa – disse Bell. – Eu liguei para Houston umas duas vezes, porque você não atendia na propriedade dos Mathews. – Ela sempre se referia à casa dele usando esse título pomposo, deixando claro que ela havia sido excluída. Os pais dele nunca haviam namorado, não em nenhum sentido apropriado da palavra, e Duke nunca levara Bell à casa dele. O romance dos dois era coisa de beijos roubados nos bosques, ela com as costas contra o tronco rústico de um carvalho sempre-verde, Duke deixando-a na casa dela ao cair da noite. Quando Duke morreu e Darren nasceu, meses mais tarde, Clayton entrou na história, e dias depois já tomou posse do sobrinho.

– Ela contou que você estava com um probleminha no trabalho, algo a ver com um tiroteio e com Rutherford McMillan, e que não sabia onde você estava dormindo aqueles dias, mas eu vi sua picape em Camilla, Darren.

– A gente está dando um tempo, só isso.

– Eu devia ter avisado você que ia ser difícil satisfazer aquela ali – ela disse, inclinando-se para a frente e enfiando os dedos num pacote aberto de Newports. Acendeu um e soltou uma baforada de fumaça. – Mas você também não me perguntou nada, não é?

Ele não havia avançado mais do que trinta centímetros porta adentro. Manteve o chapéu enfiado debaixo do braço, o alto da cabeça quase encostado no teto.

– Você estava me procurando, e agora estou aqui. E então, o que você quer, Mama?

– Preciso que você converse com o Fisher.

– Eu não quero me meter em nada disso.

– Mas ele não está me pagando direito. Estou quase passando fome, Darren.

– Você falou que tinha comida. – Ele olhou de relance para o fogão de duas bocas da quitinete e viu o resto de algo que havia sido preparado havia pelo menos uma semana. A linguiça com feijão tinha sido apenas um desejo, um gesto da mãe que ela gostaria de ser.

– Por que ele não te pagou? – Darren perguntou, pois sabia que havia algo mais naquela história, sempre havia. Fisher era o patrão de Bell no chalé e estacionamento de trailers Starfish, perto do Lago Livingston. Ele era também namorado dela e casado com a outra faxineira da folha de pagamento. Era uma novela triste com a qual Darren não queria lidar.

– Ele diz que eu tirei cem dólares da carteira dele.

– Meu Deus, Mama, você tem sorte de ele não ter despedido você ou chamado o xerife.

Ela bateu os dentes em desaprovação e, com um sorrisinho, pegou outra garrafa do parapeito da janela.

– Ele não faria isso sabendo que eu tenho um filho Ranger.

– Não sou um Ranger. Pelo menos, não nesse exato momento – disse ele, procurando se safar.

– Ele não sabe disso – disse ela, com malícia. – Quanto tempo mais eles vão deixar você usar isso? – Ela indicou com a cabeça o distintivo de prata preso no peito dele.

– Eles vão começar a me procurar se eu não aparecer lá com ele amanhã.

– Tempo de sobra.

– Quanto você precisa? – disse Darren, porque era mais fácil assim. Não fazer nada era dar margem à petulância dela, à zanga de uma mulher adulta perpetuamente subvalorizada e que sentia raiva por isso. Ela achava que os homens da vida dela, especialmente o filho, deviam-lhe mais do que haviam feito por ela. E embora sua mãe não o tivesse criado, e passasse anos sem se incomodar em mandar um cartão de Natal, ele também sentia que lhe devia algo por sua vida. Só não sabia direito o quê. Naquele dia foram duzentos dólares em dinheiro vivo, quase tudo o que ele tinha naquela hora.

Ela pegou com pouco alarde e enfiou no bolso da camisa.

– E arrume alguma coisa para comer – ele disse. – Gaste pelo menos cinquenta no mercado.

Talvez fizesse isso, talvez não, ela disse, e pegou outra garrafinha do parapeito da janela.

4.

A **RODOVIA 59** é uma linha que corre pelo coração do Leste do Texas, um fio no mapa ligando pequenas cidades como se fossem nós de um barbante, de Laredo a Texarkana, na fronteira norte. Para os negros nascidos e criados nas comunidades rurais ao longo da malha de estradas norte-sul, a Rodovia 59 sempre representou um leque de possibilidades, uma esperança pavimentada apontada para o norte.

Mas não para o pessoal de Darren.

Ele era fruto do Texas de ambos os lados, desde os tempos da escravidão. Após a Reconstrução,¹⁰ ninguém jamais saiu dos bosques de pinheiros da fronteira leste do estado, exceto uns poucos tios e primos fugidos da lei, do lado da mãe. O resto do pessoal dela ficou porque eram pobres; os Mathews ficaram porque não eram. Desde cedo, dispunham de terras ricas para a agricultura, deixadas como herança pelo mesmo homem que deu aos seus escravos favoritos o sobrenome Mathews, pelo menos é o que reza a lenda, e negros não são de ir embora assim por nada, abandonando esse tipo de riqueza para começar a vida em algum lugar estranho e frio. Não, os Mathews cavaram fundo a terra, plantaram algodão e milho e também as raízes de uma família que seria só deles – e não uma unidade pecuniária, conversível em dinheiro ao bel-prazer. Empenharam-se em cultivar e ganharam o suficiente para criar gerações de homens e mulheres, e mandar dezenas deles para a faculdade; tinham um padrão de vida à altura do que seria possível alcançar em Chicago, Detroit ou Gary, Indiana. Não estavam dispostos a ceder um estado inteiro a um bando de caras preguiçosos, mascadores de fumo. O dinheiro permitia fazer essa escolha, sem dúvida. Mas o dinheiro também exigia coisas deles, e os Mathews se dispunham a dá-las. Construíram uma escola para

negros em Camilla, ofereciam empréstimos a pequenos negócios de negros quando tinham condições de fazê-lo e dedicaram suas vidas ao serviço público, tornando-se professores, médicos rurais, advogados e agitadores quando os tempos pediam isso.

O que *não* estavam dispostos a fazer era ir embora.

A crença de que eram especiais, de que tinham fibra para suportar o que outros não suportariam, era o que tinham de mais característico da quintessência do Texas. Uma arrogância nascida de uma bravura genuína, com um toque de obstinação arraigada havia seis gerações, um escudo homérico contra as pequenas ciúmeiras e as injustiças letais que tanto ocupavam o tempo livre dos brancos, com seu olhar opressor e invasivo em todos os aspectos da vida dos negros – o que você come, com quem você se casa, que roupa veste, que música toca, como penteia e corta o cabelo, a maneira como você se dirige a eles na rua. A família Mathews via isso como era de fato: uma obsessão febril, que na realidade nada tinha a ver com eles, uma preocupação que enfraquecia um homem se ele decidisse olhar para qualquer outra coisa que não fosse ele mesmo.

Não, não vamos mudar para outro lugar.

Darren ouvira isso a vida inteira.

Você podia ir embora, ninguém iria julgá-lo se o fizesse. Mas também podia ficar e lutar. Nos crepúsculos na varanda de trás da velha casa em Camilla, William, chapéu com a aba para baixo apoiado no corrimão da varanda, costumava olhar para a terra da família e dizer a Darren: “A nobreza está na luta, filho, em todas as coisas”.

Fora a luta que mantivera Darren ali todos aqueles anos, e que fazia com que agora pusesse as quatro rodas da sua picape na Rodovia 59, rumo ao norte, em direção ao Condado de Shelby.

Ele compartilhava o palpite de Greg de que os homicídios tinham uma ligação entre si, que a questão racial estava de algum modo envolvida naquilo, que no mínimo valia a pena levantar a possibilidade. Admitia ter afinidade com homicídios nos quais

houvesse um componente racial – assassinatos com um aspecto particularmente horrível, algo no método ou no motivo que ofendesse nossos melhores princípios, crimes que tinham que ser condenados para que a nação continuasse de cabeça erguida. Darren, no entanto, cuidava para não os chamar de crimes de ódio, pois aprendera bem cedo que os policiais do Texas tinham melindres em relação a considerar um crime mais odioso do que outro. Não conseguiu nada no seu primeiro ano no emprego quando propôs criar uma unidade de crimes de ódio, no nível do Departamento de Corrupção Pública dos Rangers e de sua equipe de investigação de casos não solucionados. Vislumbrava uma unidade dedicada não a uma determinada companhia ou região, mas às similaridades entre os próprios casos. Escreveu um relatório sobre a natureza dos crimes de ódio – citando a jurisprudência e as condenações bem-sucedidas dos tribunais de outros estados – e apresentou-o tanto ao seu tenente quanto ao seu capitão na Companhia A, em Houston, como ao quartel-general dos Rangers, em Austin. O relatório só serviu para marcá-lo como alguém interessado demais em algo que, imaginava-se, poderia lhe beneficiar pessoalmente, o que diminuiu o respeito dos superiores por ele e conquistou o ressentimento de vários Rangers brancos. A ideia foi totalmente rejeitada. Isso, e agora também essa história de Mack talvez ser indiciado, fez com que ele passasse a questionar sua lealdade aos Rangers.

Eram duas horas de carro até o Condado de Shelby, à sombra da exuberante fileira de pinheiros à margem da estrada e dos ciprestes encharcados que pontuavam as pequenas baías e córregos brotando do Rio San Jacinto. Cruzou uma ponte de ferro enferrujada nos arredores de Leggett e então rodou mais alguns quilômetros até ver uma tira de papelão pintada à mão, pregada num tronco de carvalho espanhol. A placa anunciava amendoins cozidos, mas a garota que havia montado uma banca na caçamba da sua picape também vendia peras e geleia de pimenta caseira, e quando viu a estrela de cinco pontas no peito dele

ofereceu-lhe uma abóbora de brinde. Tinha uma caixa daquelas cabaças rechonchudas aos pés dela. Ele declinou educadamente, e preferiu pagar uns poucos dólares por um saquinho de amendoins e duas peras. Comeu seu arremedo de almoço na cabine da sua picape, arregaçando as mangas para deixar o suco da pera escorrer pelos antebraços. Em cima do banco dianteiro, o celular bipou. Uma mensagem de texto de Mack: “Como foi?”.

Darren não estava tecnicamente autorizado a falar sobre os procedimentos do grande júri sigiloso, e tampouco iria arriscar mais encrencas profissionais deixando um rastro digital de seu contato com o réu. Em vez disso, ligou para o tio, pensando em deixar apenas uma mensagem de voz – um recado a ser repassado ao Mack –, mas acabou pegando Clayton no intervalo de uma aula. Ouviu a falação dos alunos que passavam por ali e o sutil esforço de respiração de um homem de quase 70 anos atravessando o amplo *campus*. Naomi, viúva de seu irmão, dera um relógio com monitor cardíaco a Clayton no Natal anterior. Ele agora dava suas palestras sobre Direito Constitucional andando, em vez de ficar como centro das atenções em seu atril, e fazia uma caminhada todo dia, exceto quando chovia. *Naomi me deu uma nova motivação*, ele dizia pelo menos uma vez por mês, sem se importar com o desconforto que isso causava a Darren ou aos filhos que Naomi tivera de seu casamento com William, o sobrinho e a sobrinha de Clayton.

– Esperava notícias suas a qualquer momento – Clayton disse.

A voz dele soava tão parecida com a do irmão – meiga, com uma rouquidão leve – que toda vez que Darren falava com Clayton experimentava um sobressalto momentâneo, como um raio de esperança de que William de algum modo ainda pudesse estar vivo. A impressionante semelhança entre os dois tornava ainda mais palpável a perda daquele de quem ele realmente gostava, uma nostalgia de algo que ele não podia mais ter. Achava que isso explicava em parte o atual romance de Clayton com Naomi, que se apegava a um DNA

compatível, uma ciência perfeita que compensaria o que tinha que ser um romance de segunda categoria.

– Passei na Mama – disse Darren.

Clayton ignorou essa parte.

– Bem, me diga então. Como é que o Vaughn foi? Eu sei, ele tirou de letra, como ocorre com qualquer grande júri do Texas, mas diga que o filho da puta deu algum passo em falso, alguma coisa que possa salvar a pele do Mack.

Darren contou a verdade, isto é, que o cenário não era bom – o .38 roubado e tudo mais – e que ele não tinha certeza se havia feito o suficiente, ainda mais com o promotor distrital obrigando-o a admitir as palavras que haviam sido ditas naquela noite, vindo de Ronnie Malvo e *também* de Mack.

– Acho que ganhei dois deles – disse, referindo-se aos dois jurados negros.

– Você fez o que pôde, filho, e tenho orgulho de você por isso. Agora é hora de devolver esse distintivo e cair fora. Você falou com o reitor lá em Chicago? Ainda é o mesmo cara?

– Na verdade, agora é uma mulher – disse Darren. Ele tinha chegado até o site da universidade, que, na época em que solicitara matrícula na faculdade de Direito, era apenas uma triste página listando um monte de números de telefone para você ligar e obter mais informações. Agora já era possível fazer a matrícula toda pela internet, mas Darren nunca clicara em nenhum link da *home page* – pelo menos não quando estava sóbrio.

– Seja como for, filho, você sabe que eu posso lhe arrumar uma vaga no terceiro ano aqui em Austin. É só você preencher o formulário. Pode começar já no próximo semestre. E de todo modo – disse baixinho – o Texas pode ser melhor para você e Lisa.

Quer dizer que eles conversaram, Darren pensou.

– Eles estão começando um novo Projeto Innocence na faculdade de Direito, lidando especificamente com suspeitas de brutalidade

policial no processo de interrogatório, e com o seu conhecimento da cultura de aplicação da lei, isso é algo que você poderia em poucos anos estar comandando. Você tem o talento, filho, o entusiasmo. Tudo o que você vem tentando fazer, tudo o que eles não vão permitir que faça, você poderá fazer aqui, filho, protegendo gente. Essa história do Mack talvez mostre a você...

– Tenho feito algumas boas prisões, Pop. Tenho feito um bom trabalho...

– Mas a serviço de quem, Darren?

Era uma discussão que eles haviam tido dezenas de vezes, talvez mais, se fossem contados os anos em que William, também Ranger, tinha como participar. Clayton estrategicamente evitou levar o assunto adiante.

– Vá lá em casa depois que terminar tudo em Houston – ele disse. – Naomi e eu vamos preparar um bom jantar. Vou mostrar a faculdade de Direito a você, apresentar-lhe os colegas que estão fazendo diferença para pessoas como nós – ele disse, ignorando, como de costume, a dinâmica de classe que tornava aquele seu *nós* algo um pouco complicado. – Lisa está falando de uma possível transferência da firma dela para o escritório de Austin. Faria isso por você, Darren. Vocês podem começar de novo, meu filho.

A mãe dele ligara três vezes, antes mesmo de ele ter percorrido oitenta quilômetros, e a certa altura Darren decidiu virar o celular para baixo no assento do passageiro, e por isso perdeu a primeira mensagem de texto de Greg. A segunda pipocou no seu telefone enquanto ele abastecia alguns quilômetros depois de Nacogdoches. Três palavras: *cheque seu e-mail*. Da sua conta pessoal no Yahoo, Greg enviara a Darren um e-mail com o pouco que ele levantara sobre *Wright, Michael* e *Dale, Melissa* – “Missy”, como se viu mais tarde. Depois de umas pesquisas no Google e do uso abundante dos muitos bancos de dados do *Bureau*, Greg descobrira o seguinte: Michael Wright tinha 35 anos de idade, e na realidade era nativo do Texas.

Darren ficou sentado na picape, o motor ligado, lendo. Michael Wright nascera em Tyler e ali frequentara até o ensino fundamental, quando se mudou para Chicago com pai e mãe, ambos agora falecidos. Casado, estava viajando sozinho, pelo menos segundo o relato das poucas testemunhas oculares às quais Greg teve acesso. Ele não tinha antecedentes criminais e era formado pela Universidade Purdue e pela Escola de Direito da Universidade de Chicago, e vivera perto de sua cidade adotiva no Norte. Neste ponto Greg acrescentou uma observação entre colchetes: “Você o conheceu na Universidade de Chicago?”. Mas é claro que a matemática de Greg era falha, já que Michael Wright ainda devia estar no ensino médio quando Darren começou a faculdade de Direito. Mas a similaridade do histórico dos dois não passou despercebida. Havia uma sensação de identificação, uma proximidade manifestada de modo instantâneo. Na foto anexada – uma 3x4 da firma de advocacia de Wright –, Michael aparecia com a pele mais clara que a de Darren, cuja cor puxava para um rico castanho depois de umas poucas horas de sol, e vestia-se melhor. Mesmo assim, ele sentiu que conhecia Michael Wright. A não ser pela diferença de idade de poucos anos, eles podiam muito bem ter se conhecido na universidade, trocando histórias sobre crescer como garotos negros no Leste do Texas – tomar cerveja juntos e conversar sobre garotas, basquete e Direito Constitucional.

A esposa dele foi notificada.

Era a observação final de Greg sobre Michael Wright, junto com o nome da esposa, Randie Winston, e o fato de que o paradeiro dela na época do assassinato ainda não estava esclarecido. Não havia foto dela. Mas Darren pensou em Lisa – a pele marrom luminosa, as pintas como estrelas nas bochechas, os cabelos cacheados que custavam cem dólares por semana para manter. Ela passara anos preocupada com a possibilidade de chegar uma ligação como a que a esposa de Michael Wright acabara de receber.

O restante do e-mail de Greg era um dossiê mais leve sobre Missy Dale. Formada pela Escola Fundamental de Timpson; matriculada por um semestre e meio em estudos de cosmetologia na Escola Panola; garçõete na Jeff's Juice House, uma *icehouse*, isto é, um velho armazém de gelo reformado, junto à 59 em Lark. Os detalhes da vida dela caberiam num cartão-postal. A única coisa de interesse foi algo que Darren quase deixou passar numa primeira olhada: a menção ao casamento dela com Keith Avery Dale, de Lark, atualmente empregado da Timpson Timber Holdings e recém-saído de uma pena de dois anos na Walls, em Huntsville, por drogas – posse e intenção de revenda.

Greg acrescentara uma observação: “IAT?”.

A Irmandade Ariana do Texas nascera numa prisão do Texas, e mais da metade de seus membros já havia sido encarcerada alguma vez – não que isso os impedisse de levar adiante a organização criminosa. Na realidade, a prisão era o terreno fértil deles: os recrutas entravam para a “religião” dentro do presídio e saíam dele desesperados para entrar no bando cometendo um homicídio. A iniciação na IAT exigia o corpo de um negro, não importava qual fosse, desde que você mesmo o tivesse matado. A indicação de Greg – de que, alguns meses depois de cumprir pena num estabelecimento correcional do Texas, Keith Dale voltara a uma cidade que assistira à morte de um homem negro e da mulher de Dale em menos de um mês – não passou despercebida para Darren. Irritava-o perceber que Greg provavelmente sabia da possível ligação com a Irmandade quando ligara mais cedo, mas mesmo assim havia esperado até calcular que Darren estaria na metade do caminho para o Condado de Shelby para acrescentar essa informação. Darren ainda podia dar meia-volta, nem que fosse por despeito. Mas a menção à Irmandade injetou um pouco de mau-humor nele. Estava de volta à estrada, e quando viu já rodava a quase 140 por hora. Teria feito bem em reduzir um pouco a velocidade, para avaliar o quanto o seu desprazer com os Rangers o

fazia entrar agora de cabeça em algo a respeito do qual ele não sabia nem a metade. Mas não fez isso – pelo menos, não naquela hora.

Ao cruzar a fronteira com o Condado de Shelby, tirou o distintivo e jogou a estrela de cinco pontas no guarda-luvas. Ela deslizou e bateu numa garrafa pela metade de uísque Wild Turkey, esquecida ali, fazendo um clique suave, um canto de sereia que ele de momento decidiu não atender. Sentia-se nu sem seu amado distintivo, mas também estranhamente protegido pelo anonimato com a ausência dele. Sem a estrela, não iria atrair atenção indevida, não delataria sua presença a nenhum ativista interiorano da Irmandade, cães raivosos sempre à caça. E nenhuma notícia chegaria a Houston, onde ele estava lotado, alertando que se dedicava a investigar algo sem autorização de seus superiores, algo que ele *de fato* via com um interesse fora do habitual, fosse como policial, como texano ou como homem. Na realidade, desde que não estivesse usando a estrela dos Rangers, ninguém o impediria de fazer qualquer bobagem. Sem o distintivo, era apenas um homem negro viajando sozinho pela estrada.

Parte Dois

5.

O SININHO DE METAL da porta da frente do Geneva Sweet's Sweets tilintou suavemente quando Darren entrou no café. Era um sininho velho de trenó, amarrado ao puxador da porta por uma velha tira de pano xadrez vermelho e verde irlandês, as beiradas desfiadas como algodão em um enfeite de Natal, algo que alguém tinha amarrado ali num dezembro particularmente festivo havia pelo menos uma década. O Natal parecia ser um feriado muito curtido no Geneva's. Havia luzinhas coloridas penduradas em um halo acima da porta que levava à cozinha; mais adiante, uma bancada também estava enfeitada com luzinhas, com o fio elétrico torcido e grudento de ketchup e molho de churrasco secos nos pontos em que havia sido preso com grampos ao compensado torto abaixo. Os calendários na parede do fundo junto à cozinha estavam todos virados no último mês do ano, mostrando imagens de guirlandas com pinhas e flores-do-natal e do menino Jesus resplandecente, tudo amarelado ao sol da tarde que vazava pelas amplas janelas da parte da frente do café. Por duas vezes Darren ouviu Mahalia Jackson cantar "Noite feliz" no *jukebox* ao lado da cabine onde ele passara a última hora sentado. O lugar todo mal chegava a setenta metros quadrados, um bom espaço comercial para um café de um só ambiente no meio do nada. A placa que anunciava Lark, pela qual Darren passara logo depois da fronteira do condado, indicava uma população de 178 habitantes. Parte do Geneva's era reservada a uma barbearia, uma extravagância num espaço cheio de extravagâncias e bugigangas. Placas de carro do Texas de cinquenta anos antes, uma velha guitarra exposta e fileiras de bonequinhas de crochê de bebês numa prateleira alta. Um homem negro de meia-idade, sardento, sentado numa cadeira de barbeiro, lia uma revista em quadrinhos.

Darren andara por lugares como aquele quando criança. O Mary's Market & Eats, em Camilla, onde ele comprava raspadinha e levava para casa travessas de peixe frito quando seus tios não estavam a fim de cozinhar. O Rochelle's, em Coldspring, que vendia uma limonada tão doce que fazia o dente doer, e nos dias de verão a fila chegava quase até o fórum. Por gerações, mulheres negras no Texas levantavam quatro paredes, preparavam uma boa receita e faziam algum dinheiro com os negros que vinham de todos os cantos, pelo simples fato de que ali era um lugar onde eram bem-vindos. O Geneva's era uma viagem no tempo, e Darren ficou imaginando se dali a vinte anos lugares como aquele ainda existiriam. Talvez sim, pensou, se a comida fosse tão boa como era.

Ele não comera nada além do lanche na estrada.

Estava na metade de um prato de feijão fradinho e rabada, comendo o mais devagar possível para poder preservar aquele lugar junto à janela, de onde podia dar uma olhada na cidade. E era só aquilo mesmo, pelo que Darren podia perceber. Havia o café Geneva's e, em diagonal, do outro lado da Rodovia 59, uma casa grande, com teto em abóbada, com cerca por toda a sua volta, a madeira caiada e impecável. Uns quatrocentos metros para o norte, do mesmo lado da estrada onde ficava o Geneva's, ele passara por uma *icehouse* das antigas, uma espécie de bar, metade ao ar livre, com uma varanda em volta de três lados de uma construção tipo caixa, com teto plano, a madeira de um cinza desbotado, preta e podre em alguns pontos. As paredes do bar eram revestidas de alumínio, pintado de ocre fosco, e no letreiro de neon na frente lia-se: JEFF'S JUICE HOUSE. Ele se lembrou do lugar por causa do e-mail de Greg.

Quaisquer que fossem as outras joias da cidade, estavam bem escondidas na zona rural ou pelas estradas estreitas de fazenda que corriam como leitos de córrego sulcados, saindo da estrada principal, em caminhos de terra vermelha serpenteando entre pinheiros e levando até casas e trailers no meio dos pinheirais. Dava para cobrir

toda a área de Lark, Texas, no tempo que levava para dar um espirro. Darren deu uma volta de carro por ali, foi e voltou duas vezes, até perceber que aquilo era tudo o que havia. Dois carros de patrulha estavam estacionados em frente ao Geneva's quando ele chegou à cidade, portanto fez do café sua primeira parada. Já conhecia o Córrego Attoyac, que delimitava a fronteira oeste do condado e corria pelos bosques atrás do restaurante Geneva's.

Um caminhoneiro branco entrou, vindo da estrada. Da janela, Darren pôde ver suas placas cobertas de insetos: OHIO, O CORAÇÃO DE TUDO. O homem parou na entrada, tirou o boné de beisebol do cabelo suado e olhou em volta, impressionado com aquela meia dúzia de rostos negros que ficaram olhando fixo para ele.

– Pois não, senhor? – disse Geneva.

– Esta é a única parada de caminhão por aqui?

– Tem uma lá em Timpson, se quiser andar essa distância toda.

O caminhoneiro olhou para trás, para a sua carreta que bloqueava metade do estacionamento, com a solitária bomba de gasolina de Geneva parecendo minúscula ao lado dela. Hesitou.

– Mas parece que te faria bem comer alguma coisa, então vamos lá. Não se preocupe, vamos deixar você sentar no balcão. – Ela sorriu e cruzou o olhar com Darren, piscando o olho. Ele sorriu de volta, apesar de tentar se conter. Os dois haviam trocado algumas palavras quando ele pediu a refeição, e ele gostou da mulher logo de cara. O caminhoneiro pediu um sanduíche de carne de porco, para viagem. E Darren aproveitou a oportunidade para iniciar uma conversa. Pegou o último banquinho livre do balcão e sentou ao lado de um homem negro de uns 60 anos de idade e outro rapaz negro mais jovem, que vestia uma camiseta de poliéster na qual se lia TRANSPORTES REUNIDOS TRANSOESTE.

– Desculpe a curiosidade – disse Darren a Geneva. – Não tive como não notar esse bando de homens de uniforme aqui no seu café. Aconteceu alguma coisa?

O homem sessentão deu um assobio baixinho e um tapinha na margem do jornal aberto à frente dele, mas não falou nada. Geneva ergueu os olhos da sacola de papel que estava enchendo com montes de lenços umedecidos pré-embalados. Também evitou comentar. Foi o jovem negro que falou.

– Uma garota morreu lá atrás – disse ele, tirando os olhos do celular e dando uma rápida olhada de cima a baixo em Darren. Então, concluindo que Darren era merecedor da história completa, acrescentou: – Uma branca.

O caminhoneiro de Ohio levantou o olhar.

– Quanto tempo mais demora o sanduíche?

– A moça tinha um bebê em casa, não é isso, Geneva? – disse o rapaz negro.

– Quem? Missy? – disse o cozinheiro de Geneva, um homem de avental saindo da cozinha, segurando um sanduíche embrulhado em papel branco, com listras de molho de churrasco manchando as laterais. Ele enfiou o sanduíche na sacola de papel.

– Quatro e noventa e nove – disse Geneva ao caminhoneiro, sem dar atenção aos demais.

Ohio deixou uma nota de cinco dólares diante do caixa e vazou. Segundos mais tarde, Darren ouviu o barulho do motor da carreta, com o caminhoneiro acelerando de novo para voltar à estrada. Geneva ignorou Darren e se ocupou com uma pilha de correspondência no escaninho de uma escrivaninha aberta, embutida na parede do fundo.

– Huxley, você tem alguma coisa para mandar pelo correio?

– Hoje não – disse o velho.

O jovem negro então voltou a falar.

– É isso mesmo, a moça tinha um bebê, foi você que falou.

– Chega, Tim – Geneva interrompeu. Ela empilhou com capricho as cartas que ia mandar e prendeu-as com um elástico de cabelo alaranjado. Parecia evitar de propósito o olhar de Darren. Ele não era

um deles e, portanto, não tinha direito de compartilhar nenhum dos segredos da cidade.

Era justo.

Darren pagou sua refeição em dinheiro, deixando uma gorjeta ridiculamente boa. O sininho soou atrás dele quando saiu em direção à picape. Atrás do banco da frente, guardava uma bolsa de lona azulmarinho. Dentro havia uma muda de roupa, uns duzentos dólares em *cash*, carregadores adicionais para a Colt, fatias de carne de cervo que um amigo do trabalho havia defumado, uma escova de cabelo e um maço de cigarros. Darren não fumava, mas aprendera que as pessoas fazem menos perguntas a um homem que fica circulando muito tempo se ele estiver com um cigarro na mão. Pescou com os dedos um Camel do maço e foi dar uma volta na parte de trás do café. Atrás do Geneva's havia uma extensão de uns cem metros de terra irregular, pontuada por tufos de capim, que ia até a margem cheia de mato rasteiro do Córrego Attoyac, uma extensão de água lisa com três metros de largura, verde-musgo em algumas partes e marrom-ferrugem como uma moeda antiga em outras, dependendo do jeito que as árvores se inclinavam ao sol. Nenhuma onda franzia a superfície, a água parada como vidro pintado. Não dava para saber quão fundo era o córrego ou que tipo de vida silvestre podia abrigar sob sua superfície. Ele repassou de novo a expressão “condições do corpo” e o que ela poderia significar, se alguma criatura tivesse pego Michael Wright como refeição.

O pensamento fez o estômago de Darren revirar, e a rabada e o feijão nadaram corrente acima. Virou a cabeça e cuspiu na grama, torcendo para conter a ânsia de vômito. Com o córrego suspeito e o cheiro fétido, adocicado de modo nauseante pela decomposição humana, Darren teve a impressão de que poderia desmaiar. Cobriu boca e nariz. Não que isso adiantasse alguma coisa, nunca adiantou, mas era uma reação instintiva que não aceitava negociações. O cadáver já estava coberto, mas ele soube que era o da moça. Só podia

ser. Michael Wright estava agora na mesa de um médico-legista em Dallas. Este seria o lugar de descanso final de Missy Dale. Darren avaliou a distância da margem do córrego até a porta traseira do café – onde o cozinheiro de Geneva, o homem de avental, estava agora encostado ao batente, olhando a cena toda. Havia também um trailer de tamanho razoável estacionado ali atrás. Branco com uma faixa verde, bem maior que o trailer da mãe dele – três dormitórios, talvez.

Quem quer que morasse ali era quem provavelmente tinha encontrado o corpo dela.

– Diga à Geneva para manter o pessoal dela longe daqui – disse um homem vestindo uma calça justa, com um distintivo de xerife espetado na camisa branca.

Ele se dirigia a Darren, que chegara perto demais da cena do crime. Por instinto, Darren abriu a boca para se explicar, mas então pensou melhor, lembrou que era apenas um cara passando por ali. Ele convivera com xerifes de cidade pequena a carreira dele inteira. Mais da metade do trabalho dos Rangers era prestar serviço aos órgãos de segurança locais que não tinham recursos para fazer o tipo de investigação aprofundada que eles faziam. Alguns recebiam bem os Rangers, Darren em particular, porque era visto como alguém com um jeito especial de lidar com suspeitos e testemunhas de tez escura; outros, como aquele baixinho, menos de 1,60 m de altura na frente dele, suspeitavam de qualquer um que fosse de fora. Tinham um ressentimento por tudo o que dizia respeito aos Rangers, pela verba estatal maior que recebiam, por sua jurisdição sobre todos os condados e por sua liberdade de ação, e até pela admiração que inspiravam.

Darren estava desempenhando muito bem o papel de observador desinteressado. O dia esfriara, e seu temperamento esquentado, também. Percebeu que estava cansado, com a comida pesada pregando peças no seu sistema nervoso. Na realidade, permitiu-se pensar em voltar para casa.